



# O Processo de Canonização de São Domingos

---

*Frei Dorival Teles*

## Textos das Fontes OP

Uma das fontes mais importantes para conhecer a vida, a personalidade e a espiritualidade própria de São Domingos de Gusmão é o texto do Processo de Canonização. Trata-se de um documento de caráter oficial, no qual foi-nos transmitida a memória coletiva que a primeira geração dominicana elaborou sobre nosso fundador.

Para entendermos melhor todo o valor destes testemunhos, pode ser útil falar brevemente sobre o que é 'Processo de Canonização' e sobre as circunstâncias históricas que determinaram o reconhecimento canônico da santidade de Domingos.

## O Processo de Canonização

Desde os primeiros tempos, na comunidade cristã foi-se afirmando a tendência para a celebração da memória dos membros da comunidade que tivessem sacrificado suas vidas como 'mártires' por causa da fé cristã. No dia aniversário do martírio a comunidade reunia-se em torno ao túmulo para lembrar o exemplo de heroísmo do mártir e para pedir sua intercessão.

Aos poucos os túmulos dos mártires mais famosos tornaram-se metas de romarias populares, onde o povo podia manifestar livremente a sua devoção para com os 'campeões da fé', seus protetores. Mais tarde o povo passou a expressar seu culto espontâneo com relação a pessoas que tivessem marcado a caminhada da comunidade, pelo heroísmo das suas virtudes e dos seus exemplos de vida. Objeto preferido destas manifestações espontâneas de devoção, por parte do povo, foram os eremitas do deserto, os monges e os bispos.

A atitude da autoridade eclesiástica com relação a esta manifestação espontânea da religiosidade popular foi, no começo, bastante liberal. Mais tarde, porém, viu-se pouco a pouco obrigada a exercer um controle mais firme para evitar os freqüentes abusos e as distorções que iam se manifestando. Ao longo do primeiro milênio esse controle exerceu-se normalmente a nível de igreja local: era tarefa própria do bispo diocesano vigiar para que tudo corresse de maneira 'ortodoxa'. O reconhecimento oficial por parte da autoridade eclesiástica acontecia sem muitas burocracias, por meio da transladação dos restos mortais do 'santo' sob um altar de igreja. Para esta oportunidade elaborava-se uma pequena biografia do 'santo', que tinha de ser lida de forma solene durante o rito da transladação. Por isso as antigas biografias dos santos chamavam-se 'legendae'. Na verdade, em muitos casos, os elementos lendários tinham a prevalência sobre os dados históricos.

A partir do começo do segundo milênio o reconhecimento oficial da santidade ficou prerrogativa exclusiva dos bispos de Roma. A ressalva papal sobre o reconhecimento da santidade constitui um aspecto significativo do processo de ‘centralização romana’ da estrutura e da vida da Igreja Católica.

A primeira canonização papal propriamente dita aconteceu no ano de 993, quando Papa João XV proclamou a santidade de Ulderico, bispo de Augusta. Em 1180 Alexandre III decretou que só o Papa podia proclamar os santos (ressalva papal). Em 1234 Gregório IX incluiu esta norma no texto das Decretales: a coleção de leis e normas da Igreja, que constitui o primeiro Código de Direito Canônico. Esta coleção foi elaborada pelo frade dominicano São Raimundo de Penhafort. Nesta ocasião a metodologia para o reconhecimento da santidade foi estruturada conforme os critérios que permanecem válidos até hoje. Organiza-se um verdadeiro processo, da mesma forma que para as causas penais, com procurador, juiz, advogado, testemunhas, etc. O candidato para a canonização cumpre a tarefa do ‘reu’ que se submete ao juízo... O espírito que anima toda esta burocracia jurídica é o de garantir uma maior seriedade na escolha e na avaliação dos ‘modelos’ de santidade que são propostos à veneração e imitação do povo de Deus. Aos poucos, porém, o aspecto jurídico e burocrático acabou predominando sobre a espontaneidade da ‘vox populi’ e da religiosidade popular. A própria palavra ‘canonização’ (cânon, norma, lei) é prova disso.

### **O caso do reconhecimento da santidade de Domingos de Gusmão**

No dia 24 de maio de 1233 os restos mortais de Domingos foram tirados do túmulo original, no coro da igreja de São Nicolau em Bolonha, e foram solenemente transladados para um túmulo mais digno, na nave lateral da mesma igreja. Os ossos de Domingos emanaram um perfume suavíssimo que, conforme as afirmações de Jordão de Saxonia, testemunha ocular do acontecimento, impregnou por muito tempo as mãos e as vestes dos que estavam presentes. O prodígio confirmou a fama de santidade do fundador dos Pregadores e deu novo impulso à idéia da canonização.

A Ordem Dominicana e a cidade de Bolonha enviaram para isso um pedido oficial à Cúria Romana. O Papa Gregório IX, que tinha conhecido pessoalmente Domingos, deu todo apoio à iniciativa.

Em julho de 1233 foram nomeados três Comissários Pontifícios, com a tarefa de organizarem o “Processo informativo”, consultando pessoas que tivessem conhecido pessoalmente a Domingos e recolhendo informações sobre milagres obtidos pela intercessão dos Servo de Deus. O processo foi celebrado em Bolonha e Tolosa.

No processo de Bolonha prestaram seu depoimento como testemunhas, nove religiosos da Ordem Dominicana. O processo de Tolosa, recolheu o testemunho de vinte e sete pessoas, sendo a grande maioria pessoas de Igreja (sacerdotes e religiosos). Tinham também umas mulheres, leigas e religiosas. Além disso mais de trezentas pessoas confirmaram as declarações feitas pelas demais testemunhas do processo: algo como um tribunal popular, com o sentido e a força da ‘vox populi’, a voz do povo de Deus.

## Valor e sentido do Processo de Canonização de São Domingos

O texto do Processo chegou intacto até nós. Seu interesse é muito grande para a história das canonizações dos santos: ele coincide com a primeira codificação da nova metodologia de inquérito estabelecida nas Decretales de Gregório IX (1234). Talvez seja até a primeira aplicação prática dessas normas. Podemos afirmar que a santidade de Domingos foi examinada com toda a seriedade, num processo jurídico instituído sob os cuidados da autoridade suprema da Igreja e foi plenamente confirmada pela 'vox populi', pelo sentido de fé do povo de Deus.

Para nós dominicanos esse texto tem o interesse ainda maior de nos transmitir o testemunho vivo de muitas pessoas que conheceram de perto a São Domingos. Na forma clara e essencial que é própria dos depoimentos processuais, eles nos transmitem os traços essenciais da fisionomia espiritual do nosso Fundador. Ele fica assim quase que.. fotografado ao vivo, nas suas virtudes e na sua vida de contemplativo e de apóstolo incansável. O Processo de Canonização constitui então uma das fontes mais autorizadas do carisma dominicano.

No texto que segue separamos, dos depoimentos das várias testemunhas do Processo, aquilo que eles afirmaram positivamente sobre a vida, as virtudes e as atitudes pessoais de nosso Pai. Lendo sucessivamente esses depoimentos pode-se constatar como todos insistem sobre alguns aspectos e sobre atitudes constantes que marcaram a vida do santo Fundador; eles nos oferecem os elementos que foram reconhecidos como os mais característicos da santidade de Domingos.

Um trabalho de composição sinótica destas 'repetições' permite-nos reconstruir, quase que num mosaico, a fisionomia espiritual de São Domingos, tal como se fixou na 'memória coletiva' da geração que o conheceu e em particular daqueles que o seguiram no ideal da vida evangélica.

Frei Mariano Foralosso OP

### Sugestões práticas para um trabalho de grupo

1) Organizar grupos de trabalho de duas ou mais pessoas e confiar a cada grupo o estudo de um ou mais depoimentos de Processo. Cada grupo tem a tarefa de identificar os aspectos da santidade de Domingos, as suas virtudes, etc.

2) Num pequeno plenário elaborar um esquema geral das virtudes e dos aspectos característicos.

3) Cada grupo separa com tesoura os pontos dos depoimentos e separa as 'peças', distribuindo-as no esquema geral, conforme o conteúdo. Por exemplo: pobreza, vida de oração, castidade, humildade, espírito apostólico, etc. Tudo aquilo que as várias testemunhas afirmam sobre a pobreza de São Domingos deve ser juntado no setor 'pobreza'; idem sobre a vida de oração, sobre a castidade, sobre a humildade, etc.

4) Cada grupo escolhe um ou mais pontos do esquema e elabora um texto sinótico usando as 'peças' dos depoimentos sobre aquele ou aqueles pontos. Na medida do possível usem-se os próprios textos dos depoimentos.

5) Num plenário final cada grupo apresenta com cartazes ou outro meio o resultado da sua elaboração sinóptica. O fruto do trabalho é uma biografia de S. Domingos elaborada pelo grupo.

## DEPOIMENTOS NO PROCESSO DE BOLONHA

Do depoimento de Frei VENTURA DE VERONA: sacerdote e prior do convento dos Pregadores de Bolonha.

Quando andava pelos caminhos, aos que o acompanhavam queria expor-lhes, por si mesmo ou por outros, a palavra de Deus... Enquanto caminhava, sempre queria dissertar ou falar de Deus, ou ensinar ou ler ou rezar.

Estando em viagem, sempre celebrava a missa e o fazia derramando muitas lágrimas.

Ao chegar à posada, se havia igreja, sempre ia rezar nela; quase sempre, estando fora do convento, quando ouvia o toque do sino anunciando as Matinas nos mosteiros, levantava-se, despertava os frades e celebrava com grande devoção todo o Ofício Divino, diurno e noturno, conforme prescrito, sem dispensar nada.

Quando ia pelos caminhos, guardava sempre o silêncio depois das completas e exigia que seus companheiros também o guardassem, como se estivessem no convento. E depois, enquanto caminhava pela manhã, exigia que os frades observassem o silêncio todos os dias quase até as nove horas.

Enquanto viajava, dormia sobre palha, vestido e calçado, como andava durante o dia. Às vezes só tirava os sapatos.

Nas viagens guardava jejum continuo desde a festa da Exaltação da Santa Cruz até a festa da Ressurreição; também durante o verão observava todos os jejuns mandados pela Igreja, e todas as sextas-feiras.

O que lhe davam nas viagens para comer, comia resignadamente, exceto carnes e outros alimentos com carnes ou gorduras, se se dava conta. E se o tratavam mal na comida e na bebida, alegrava-se com isso.

Prosseguindo seu caminho, ao chegar a qualquer lugar onde havia convento, chamava os frades para falar-lhes e lhes propunha a palavra de Deus, dando-lhes ótimos conselhos.

Quando o bem-aventurado frei Domingos estava em algum convento e aí devia permanecer por algum tempo, adaptava-se aos costumes do convento quanto à comida e à mesa; cumpria a Regra íntegra e exatamente e, enquanto podia, esforçava-se para que seus frades a observassem.

Nunca ninguém o viu fazer coisas erradas ou o ouviu dizer palavras inúteis, injustas ou prejudiciais para os outros.

O bem-aventurado frei Domingos era sábio, discreto, paciente, benigno, muito misericordioso, amável e justo.

Nunca pecou mortalmente e conservou-se sempre virgem.

Quando estava em viagem, visitava sempre os mosteiros de religiosos, de qualquer Ordem que fossem, e lhes pregava e os exortava ao bem.

Se algum frade de sua Ordem ou de outra tinha alguma tentação ou perturbação e o procurava para se abrir, aconselhava-o muito bem, de tal maneira que todos se retiravam plenamente consolados.

Quase todos os dias, a não ser que houvesse grave impedimento, pregava e fazia alguma conferência para os frades, chorando muito, e fazendo chorar os demais.

Era assíduo no Ofício e assistia sempre ao coro.

Não tinha lugar próprio para descansar, a não ser quando estava enfermo.

Durante a maior parte da noite permanecia em oração, e com freqüência passava toda

a noite rezando e derramando copiosas lágrimas. Por causa das muitas vigílias noturnas, dormia freqüentemente à mesa no refeitório.

Prostrado pela enfermidade, não quis descansar em nenhum leito, mas sim sobre sacos; mandou chamar os frades noviços e com dulcíssimas palavras e vivo amor os consolava e admoestava a fazer sempre o bem; tão pacientemente sofria aquela enfermidade, como outras anteriormente, que não se queixava nem gemia; pelo contrário, sempre foi visto risinho e alegre.

Tinha tão grande zelo pelas almas, que não só aos fiéis, mas também aos infiéis e gentios e aos próprios condenados ao inferno estendia a sua caridade e compaixão; chorava por eles, ardia em desejos de pregar e de enviar pregadores para todos, de tal maneira que ele mesmo ansiava por ir pregar aos pagãos.

Do depoimento de Frei GUILHERME DE MONFERRATO: sacerdote da Ordem

Era mais zeloso pela salvação do gênero humano mais do que qualquer outro.

Guardava rigorosamente a Regra e as Constituições dos frades Pregadores; concedia facilmente dispensa aos frades, ele porém não se dispensava de nada.

Guardava todos os jejuns estabelecidos na regra, também estando enfermo. Atacado por grave enfermidade (uma infecção intestinal) nem por isso quebrou o jejum, nem comeu carnes, nem procurou outra comida; contentou-se com um pouco de frutas e nabos.

Ainda que muitas vezes passassem mal na comida e na bebida, se hospedassem mal e descansassem mal, nunca o ouviram queixar-se dessas coisas, nem quando enfermo nem quando são.

Antes de ir descansar, passava horas em oração, e muitas vezes com gemidos e lágrimas, de tal modo que freqüentemente chegava a despertar os outros. Dedicava maior tempo à oração do que ao sono.

Deitava-se vestido com a capa e o cinto e calçado com sapatos. E sempre sem colchão, diretamente no chão, ou em tábuas ou palha ou outra coisa estendida por terra.

Guardava o silêncio sempre nas horas estabelecidas pela Regra; abstinha-se de palavras vãs e sempre falava com Deus ou de Deus.

Guardou sempre a virgindade.

Do depoimento de Frei AMIZIO DE MILÃO: sacerdote e prior do convento dos Pregadores de Pádua

Mestre Domingos foi sempre homem humilde, manso, paciente, benigno, moderado, pacífico, sóbrio, modesto e muito maduro em todos os seus atos e palavras; piedoso, consolador dos demais e em especial de seus frades; cheio de zelo pela observância regular, muito amante da pobreza tanto na comida como na sua vestimenta e dos frades da sua Ordem e também nos edifícios e igrejas dos frades.

Durante toda a sua vida trabalhou e cuidou muito para que os frades não usassem nas igrejas, tanto sobre si mesmos como nos altares, tecidos de purpura ou seda, nem tivessem vasos de ouro ou prata, à exceção dos cálices.

Era assíduo na oração, tanto de dia, quando estava desocupado, como de noite. Passava as noites freqüentemente orando, de tal maneira que quase não se deitava no leito.

Observava fielmente a regra e não se dispensava em nada, por pequena coisa que fosse, e seguia em tudo a vida da comunidade, no coro, no refeitório e nos outros lugares.

Era muito fervoroso na pregação e cheio de zelo pelas almas; para o mesmo procurava insistentemente animar os seus frades.

Amava muito e elogiava sempre as outras Ordens e seus religiosos.  
Era voz comum entre os frades que sempre se conservou virgem.

Do depoimento de Frei BONVISO DE PIACENZA: sacerdote da Ordem

Quando seus frades saíam da igreja depois de Completas para irem dormir, o bem-aventurado frei Domingos se ocultava na igreja para orar... e o ouviam rezar ao Senhor com grande clamor e lágrimas e muitos soluços. Com freqüência passava a noite em oração, e isto era voz comum entre os frades.

Não foi possível constatar que tivesse um lugar seu par dormir, como o tinham os outros frades; algumas vezes o encontravam dormindo num banco, outras no chão e outras sobre cordas de assento ou em um catre. À noite dormia vestido, como andava durante o dia.

Quando saía de alguma cidade, aldeia ou castelo, tirava os sapatos e caminhava com os pés descalços, levando os sapatos sobre os ombros e não permitindo que o companheiro os levasse. Quando chegava perto de uma cidade, aldeia ou castelo, ele os recolocava e depois os tirava de novo, quando assim, caminhando descalço até que chegassem ao lugar do destino.

Alegrava-se nas tribulações, exaltava-se e bendizia a Deus, cantando em alta voz.

Durante a celebração da missa as lágrimas corriam por seu rosto em tanta quantidade, que uma gota não esperava a outra. Isto lhe sucedia também durante a salmodia.

Quando devia hospedar-se ou comer em algum lugar, não seguia sua vontade, mas os desejos dos frades que estavam com ele.

Mostrava-se mais contente quando o tratavam mal do que quando recebia boa acolhida.

Enfermo e ardendo em febre, não se queixava da enfermidade, mas continuava absorvido em oração e contemplação. Quando a febre baixava, ele falava de Deus com os frades, ou lia algum livro ou pedia que o lessem, exaltava a Deus e se alegrava com a enfermidade, conforme o costume que tinha de alegrar-se nas adversidades mais do que nos sucessos.

No convento de Bolonha, um dia de jejum, faltou o pão. Frei Domingos mandou que se repartisse o pão aos frades, mas o ecônomo do convento o informou que não havia mais. Frei Domingos, com rosto alegre, levantou as mãos e louvou e bendisse ao Senhor; no mesmo momento entraram duas pessoas trazendo dois cestos, um de pão e outro de figos secos, e todos os frades foram saciados.

Cumpria estritamente a Regra e não se dispensava em nada.

\*Ele foi muito humilde, afável, piedoso, compassivo, paciente, sóbrio, cheio de zelo pela pobreza e pela salvação das almas e amante de todos os religiosos e das Ordens.

Não respondia ao mal com o mal, nem à maldição com afrontas, mas bendizia aos que o injuriavam.

Do depoimento de Frei JOÃO DE NAVARRA: sacerdote da Ordem

Era muito assíduo na oração, durante o dia e durante a noite.

Rezava, vigiava e mais do que todos os outros frades domava seu corpo com grandes disciplinas. Fazia-se flagelar e flagelava-se ele mesmo com uma corrente de ferro de três ramificações.

Castigava, segundo a Regra, aos frades que violavam as normas, ainda que se compadescesse deles, pois doía-lhe muito quando castigava alguém.

Compadecia-se do próximo e ardentissimamente desejava-lhe a salvação.

Pregava freqüentemente e, de maneira que podia, animava e ensinava os frades a pregar, rogando-lhes e admoestando-os a que fossem diligentes na salvação das almas. E confiando muito em Deus, enviava também os simples a pregar, dizendo-lhes: "Ide tranqüila-

mente, porque o Senhor porá palavras em vossos lábios e estará convosco e não lhes faltará nada." Eles partiam e acontecia sempre como Domingos lhes havia dito.

Trabalhou para que os frades, não andassem a cavalo, vivessem de esmolas e não levassem nada consigo nas viagens. Por esse motivo eles doaram as propriedades da França às monjas da Ordem Cisterciense e a outras monjas as propriedades de outros países.

Para que os frades se dedicassem com mais intensidade ao estudo e à pregação, quis frei Domingos que os irmãos conversos iletrados de sua Ordem assumissem a administração dos bens temporais; os outros frades porém não quiseram, temendo que acontecesse o que aconteceu aos frades da Ordem de Grandmont com seus conversos.

Mostrava-se afável para com todos, ricos e pobres, judeus e gentios; era amado por todos, exceto pelos hereges e inimigos da Igreja, que ele incomodava procurando convencê-los com suas disputas e pregações, admoestando-os e exortando-os à penitência e à conversão.

Do jeito que andava durante o dia, descansava durante a noite, tirando apenas os sapatos.

Quando frei Domingos viajava de um lugar para outro, tirava os sapatos e caminhava descalço, até chegar ao destino e ali se calçava. Ao sair do lugar, se descalçava outra vez e levava ele mesmo seus sapatos, não aceitando que ninguém o ajudasse.

Se alguma vez tropeçava nas pedras, sofria com rosto alegre e não se perturbava, dizendo: "isto serve de penitência", como homem que se alegrava sempre nas tribulações.

Amava muito a pobreza e procurava com grande empenho persuadir os frades para que a amassem também. Teve sempre as roupas mais pobres e renunciou todas as coisas temporais.

Era parco no comer e no beber, principalmente quando havia alguma coisa de extraordinário, de tal maneira que, ainda que dispensasse a outros, nunca se dispensava a si mesmo.

Cumpria estritamente toda a Regra.

Quando caminhava pelas cidades e vilas, mal e mal levantava da terra os olhos.

Não tinha lugar próprio para dormir, como os demais frades.

Duas o três vezes foi eleito bispo, mas renunciou sempre, querendo mais viver na pobreza com seus frades, do que possuir qualquer benefício episcopal.

Raras vezes falava, ao não ser com Deus ou de Deus, e sempre procurou persuadir seus frades a fazerem o mesmo.

Na presença dos homens estava sempre alegre, porém em suas orações com freqüência chorava.

Permaneceu virgem até a morte.

Desejava ser açoitado, despedaçado e morrer pela fé de Cristo.

Com freqüência exortava e animava com palavras e por escrito aos frades de sua Ordem, para que estudassem o Novo e o Antigo Testamento. Sempre levava consigo o Evangelho de Mateus e as Cartas de Paulo, e estudava muito nelas, de tal modo que quase as sabia de cor.

Estudante de Palência, quando a fome assolava a região, movido pela piedade e caridade, vendeu os livros e todas as coisas que tinha e deu para alimento dos pobres.

Do depoimento de Frei RODOLFO DE FAENZA: sacerdote da Ordem

Tinha o costume de passar a noite na igreja; rezava muito e na oração chorava com muitas lágrimas e gemidos.

Sempre levava uma corrente de ferro cingida à carne sobre os rins. E assim a levou até a morte.

À noite, descansava sempre vestido, do mesmo modo como andava durante o dia, tirando apenas os sapatos; algumas vezes deitava-se no chão, outras sobre um caniço e com

muita freqüência dormia sentado.

Muitas vezes dormia à mesa, por causa das muitas vigílias e das noites de oração.

Era assíduo ao Ofício divino e sempre seguia a comunidade, tanto no ofício como na mesa; alimentava-se das mesmas comidas que os demais frades. Quando aparecia alguma comida extraordinária, frei Domingos chamava o procurador em voz baixa e lhe dizia: “Por que matas os frades dando-lhes estes manjares?”.

Quando faltava o pão, o vinho ou outros alimentos, o procurador recorria a frei Domingos e lhe dizia: “Não temos pão e vinho”. E ele respondia: “Vai e reza, porque o Senhor proverá”. O procurador ia à igreja para rezar e frei Domingos o seguia com freqüência. E Deus sempre fez que tivessem alimentos suficientes. Algumas vezes frei Domingos ordenava que fosse colocado à mesa o pão que tivesse, por pouco que fosse, e o Senhor supria o que faltava.

Cumpria plenamente e exigia que os outros também cumprissem a Regra e as observâncias dos frades Pregadores, no que se refere aos vestidos, à comida e à bebida, nos jejuns e em todas as outras coisas.

Desejava a salvação de toda as almas, tanto dos cristãos como dos sarracenos e especialmente dos Cumanos e outros. Com freqüência dizia que desejava ir às terras dos Cumanos e a outros lugares de infiéis.

Era alegre e festivo, paciente, misericordioso e benigno, consolador dos frades. Se encontrava algum frade que havia faltado em algo, passava como não o visse; mas depois, com rosto alegre e palavras brandas, lhe dizia: “Irmão, tu fizeste mal, confessa...”. E com suaves palavras induzia a todos à penitência. E ainda que com humildade nas palavras, castigava severamente as faltas e todos se separavam dele consolados.

Amava muito a pobreza e exortava os frades a que a amassem. Não quis que os frades tivessem propriedades mas que vivessem somente de esmolas e parcamente. Quando tinham o necessário, não queria que naquele dia recebessem outras coisas nem fossem pedir esmolas. Desejava que tivessem casas e vestidos ordinários. Não queria também que na igreja usassem tecidos de seda, mas sim que os paramentos fossem de fustão ou de algum tecido parecido.

Ele não queria que os frades se preocupassem com negócios temporais, com exceção dos encarregados da casa, mas desejava que sempre estivessem dedicados ao estudo, à oração e à pregação.

Se sabia que algum dos frades era útil para pregar, não queria que se lhe impusesse nenhum outro encargo.

Em casa ou em viagem, sempre queria falar de Deus ou da salvação das almas. E nunca se ouviu sair de sua boca uma palavra vã ou nociva ou de difamação.

Era muito solícito, abnegado e diligente na pregação e nas confissões.

Com freqüência chorava pregando e movia às lágrimas também os ouvintes.

No tempo em que se celebrou o primeiro Capítulo dos Frades Pregadores em Bolonha, Domingos disse aos frades: “Eu sou digno de ser deposto, porque sou inútil e relaxado”. E se humilhou diante de todos. E como os frades não quissem demiti-lo do cargo, propôs frei Domingos que se constituíssem definidores que tivessem poder, tanto sobre ele mesmo, como sobre os outros e sobre todo o Capítulo, para estabelecer, definir e ordenar enquanto durasse o Capítulo.

Quando frei Domingos ficou doente, daquela enfermidade que o levou depois à morte, os frades estavam juntos a ele e choravam. Frei Domingos disse: “Não queirais chorar, porque eu serei mais útil no lugar para onde vou do que se ficasse aqui”.

Um dos frades lhe perguntou: “Pai, onde queres que sepultemos vosso corpo?” E ele disse: “Sob os pés dos frades”.

Nunca foi visto deitar-se em leito de plumas, nem tampouco sobre um colchão; quan-



do morreu, estava deitado sobre um enxergão.

Do depoimento de Frei ESTEVÃO DE ESPANHA: sacerdote e Provincial dos Pregadores de Lombardia

Quando prior ou sub-prior da Igreja de Osma, da qual era cônego, estudava teologia em Palência. Por aquele tempo começou uma carestia cruel naquela região, tão grande que muitos pobres morriam de fome. Vendo isto frei Domingos, movido por compaixão e misericórdia, vendeu seus livros, glosados por suas mãos, e o que arrecadou com esta venda e a de outras coisas que tinha, deu aos pobres dizendo: “Não quero estudar sobre peles mortas enquanto homens morrem de fome”. Levados por seu exemplo, algumas pessoas de grande autoridade fizeram o mesmo, e desde então começaram a pregar com ele.

Foi excelente e perfeito consolador dos frades e de outras pessoas nas tentações. Nunca se ouvia sair da boca de frei Domingos palavras feia, ou nociva ou ociosa.

Era diligente e solícito em pregar e tinha palavras tão comovedoras que com muita freqüência levava os ouvintes a chorar; nunca se ouviu falar de um homem cujas palavras movessem os frades à compaixão e às lágrimas.

Tinha por costume falar sempre de Deus ou com Deus, em casa, fora de casa e pelos caminhos. A isso incitava também os frades, e chegou mesmo a colocá-lo nas suas constituições.

Era diligente e piedoso na oração. Depois de Completas e da oração feita em comum pelos frades, fazia-nos ir para o dormitório, e ele ficava rezando na igreja. Durante a noite, enquanto orava, comovia-se e prorrompia em gemidos e soluços tais que os frades que dormiam mais perto despertavam do sono, e alguns deles derramavam lágrimas também. Muitas vezes pernoitava em oração até as Matinas.

Permanecia de pé durante as Matinas, indo de uma parte a outra do coro exortando e admoestando aos frades para que cantassem em alta voz e com devoção.

Costumava passar a noite em oração, de tal forma que nunca foi visto dormir na cama, ainda que lhe houvessem preparado um lugar para dormir. Dormia com uma coberta estendida sobre um catre sem palha e sem colchão.

Celebrando a missa, no momento da consagração viam-no sempre com os olhos e as faces molhadas de lágrimas. Celebrava com tanta devoção e dizia a oração dominical de missa com tal unção que os circunstantes bem podiam adivinhar o seu fervor. Nunca foi visto celebrar a missa sem derramar lágrimas.

Cumpria com zelo todas as observância e a regra.

Era mais consolador dos frades do que qualquer outra pessoa.

Era amante da pobreza e muitas vezes persuadia e exortava os frades ao amor dessa virtude. Se alguém oferecia posses a ele ou à comunidade dos frades, não queria recebê-las, nem permitia que os frades as recebessem. Queria que tivessem casas humildes e pequenas; e ele mesmo usava um hábito pobre e roupas grosseiras. Levava muitas vezes um escapulário ordinário e curto, e não queria ocultá-lo com a capa nem mesmo na presença de pessoas importantes.

Tendo os frades do convento de S. Nicolau de Bolonha celas muito pequenas e pobres, frei Rodolfo, que era procurador do convento, começou, na ausência de frei Domingos, a elevar as paredes de algumas dessas celas. Porém quando voltou frei Domingos, e viu as celas mais elevadas, começou a chorar e repreendeu frei Rodolfo e os demais frades dizendo-lhes: “Quereis abandonar a pobreza tão depressa e levantar grandes palácios?” Mandou que interrompessem as obras e assim permaneceu ela inacabada enquanto viveu.

Da mesma forma como amou a pobreza para si mesmo, assim a amou também para os outros frades. Recomendou-lhes que usassem vestes pobres e que não levassem nunca di-

nheiro nas viagens mas que em qualquer parte onde se encontrassem, vivessem de esmolas. E isto mandou escrever em sua Regra.

Foi muito sóbrio na comida e na bebida; quando os frades tinham dois pratos quentes, no refeitório, ele se contentava com um. E enquanto os demais frades comiam, frei Domingos dormia quase sempre à mesa, por causa das muitas vigílias; fadigado como vivia e comendo e bebendo pouco, tinha que lutar violentamente na mesa contra o sono.

Com toda segurança, frei Domingos foi virgem de alma e de corpo até o fim de sua vida.

Era paciente e alegre nas adversidades.

Do depoimento de Frei PAULO DE VENEZA: sacerdote da Ordem

Nunca se ouviu dele palavra ociosa ou difamante, de adulação ou nocivas.

Nos caminhos, os que o acompanhavam viam-no rezar ou pregar, ou dedicar-se à oração e a meditação sobre Deus... Dizia aos que com ele estavam: "Caminhai na frente e pensemos em nosso Salvador". E ouviam-no gemer e suspirar.

Onde quer que estivesse, falava sempre de Deus ou com Deus; a isso exortava seus frades, e o mesmo mandou escrever na Regra dos Frades Pregadores.

Nunca, nem nas fadigas dos caminhos, nem no calor da paixão, nem em outras circunstâncias, o viram irado, excitado ou perturbado, mas sempre alegre nas tribulações e paciente nas adversidades.

Amava a pobreza, para si e para a Ordem, e a isso admoestava os frades. Quando estava em Bolonha, alguns bolonheses quiseram dar à Ordem algumas propriedades, mas ele não quis recebê-las e proibiu aos frades que as aceitassem. E pôs em suas Constituições que não se recebessem posses na Ordem.

Vestia um hábito muito pobre e ao sair dos povoados e cidades, descalçava-se e com os pés desnudos percorria os caminhos.

Foi visto algumas vezes pedir esmola de porta em porta e receber o pão como um pobre. Em Dugliolo, quando pedia esmola, um homem lhe ofereceu um pão inteiro, e ele o recebeu de joelhos, com grande devoção e humildade. Queria e recomendava aos frades que vivessem de esmolas.

Nunca o viram dormir na cama, ainda que algumas vezes dormisse sobre palhas. Hospedado com outros frades no povoado de Porto Lenhago, o Pai Domingos fez preparar um lugar para que dormissem seus companheiros, mas ele entrou na igreja e passou a noite rezando, até as Matinas, que assistiu com os clérigos da igreja e com seus companheiros.

Nas viagens, frei Domingos jejuava, e por causa da fadiga da viagem, dispensava aos que o acompanhavam

Em Bolonha ninguém lembra que tivesse lugar próprio para descansar à noite; algumas vezes se encostava sobre a terra, outras vezes em um catre de vime, outras sobre tábuas; com muita freqüência passava a noite orando na igreja.

Quando rezava, chorava muito. Era fervoroso e assíduo na oração, também nas viagens. E na medida do possível, encontrando uma igreja, queria cantar a missa todos os dias.

Desejava muito a salvação de todas as almas, tanto dos fiéis como dos infiéis. E muitas vezes dizia: "Depois que estabelecermos as bases e conseguirmos o necessário para a nossa Ordem, iremos às terras dos Cumanos e lhes propagaremos a fé de Cristo e os conquistaremos para o Senhor.

Cumpria estritamente a perfeitamente a Regra no que tocava à sua pessoa; exortava e mandava aos frades que também a guardassem plenamente, e castigava com severidade os transgressores; mas o fazia com tanta mansidão e benignidade de palavras, que nenhum deles se excitava ou se alterava pela correção.

Seguia a comunidade, tanto na comida, como nas orações.

Com muita freqüência pernoitava na igreja rezando e depois assistia com os frades a Matinas; ia de uma parte a outra do coro, exortando-os com gestos e palavras a que cantassem bem e diligentemente e que dissessem com devoção os salmos. Rezava com tanto fervor, que por nenhum ruído ou perturbação cessava de orar.

Era excelente consolador dos frades e dos que estavam atribulados ou tentados.

Foi paciente e misericordioso, sóbrio, piedoso, humilde, afável e casto.

Permaneceu perfeitamente virgem.

Quando estava em viagem, pregava a todos os que se juntavam a ele e os exortava à penitencia.

#### Do depoimento de Frei FRUGÉRIO DE PENNA: religioso da Ordem

Era diligente e fervoroso na oração, tanto nas viagens como no convento; nunca foi possível saber que tivesse dormido na cama, seja nas viagens, seja no convento, ainda que alguma vez fosse preparada. Fatigado pelas excessivas vigílias, reclinava a cabeça sobre seu peito ou dormia no chão em cima de alguma tábua.

Nunca celebrava missa sem derramar lágrimas. Passava as noites em oração rezando com soluços e lágrimas. E quando pregava algum sermão aos frades, derramava lágrimas. E por isto muitas vezes os frades também choravam.

Nunca o ouviram dizer alguma palavra ociosa ou de adulação ou de inflamação, mas sempre falava de Deus. E todos os que se juntavam a ele no caminho falava-lhes de Deus. Incitava seus frades a fazerem o mesmo e mandou colocar na Regra dos frades Pregadores.

Procurava com grande interesse a salvação das almas, não só dos cristãos mas também dos sarracenos e dos outros infiéis, e para isso exortava também os seus frades. Era tanto o seu zelo pela salvação das almas, que estava disposto a ir, depois de organizar a Ordem, às terras dos gentios e, se fosse preciso, morrer pela fé.

Era tão fervoroso consigo mesmo que, quando estava em viagem, guardava integralmente os jejuns da Ordem e não queria comer antes da hora, ainda que a seus companheiros fazia comer duas vezes.

Usava somente uma túnica, tanto no verão como no inverno.

Amava a pobreza e a ela incitava os seus confrades... E se encontrava algum frade que tivesse roupa digna de repreensão, quanto a riqueza ou forma, logo o corrigia e repreendia. Amou tanto a pobreza que não quis que os frades recebessem posses, mas que vivessem de esmolas. E isto o fez escrever na regra dos frades. Queria que tivessem casas pobres e pobres mesas para estudar, de tal maneira, que em todas as coisas buscassem o ordinário e a pobreza.

Cumpriu a Regra estritamente e exatamente e queria que os frades também a observassem. E se alguma vez encontrava algum transgressor da Regra, castigava-o com extraordinária mansidão e doçura de palavras, de tal modo que ninguém se escandalizava, ainda que a penitência fosse pesada.

Quem ouviu as suas confissões afirma que nunca esteve manchado por pecado mortal.

Foi muito humilde, afável, paciente nas tribulações e alegre nas adversidades, piedoso, misericordioso, consolador dos frades e dos demais e de tal maneira adornado de virtudes que nunca se viu outro semelhante a ele.

## DEPOIMENTOS NO PROCESSO DE TOLOSA

Por motivo de simplicidade na apresentação, deixamos de indicar os nomes das numerosas testemunhas que compareceram no Processo de Tolosa. Recolhemos aqui seu testemunho sobre São Domingos.

O arcebispo de Auch oferecia a frei Domingos o bispado de Conserans, que dependia dele; mas este o recusou. Às insistências que lhe faziam para que aceitasse, dava como desculpa o fato da fundação, ainda muito recente, do Pregadores e das Monjas de Pruille, das quais ele era responsável.

Era zeloso pela salvação das almas, fervoroso na oração e na pregação, e não dava descanso aos hereges.

Era amante da pobreza, severo consigo mesmo, misericordioso para com os outros, casto, humilde, paciente, tranqüilo nas perseguições, alegre nas tribulações, piedoso; tinha um baixo conceito de si mesmo; confortava com atitude paterna os frades doentes e os que estavam angustiados; era amante da disciplina, era exemplo em tudo para os frades, fugia da vaidades do mundo, mostrava-se generoso, hospitaleiro, caridoso para com os frades de todas as Ordens; usava vestes grosseiras, preocupava-se pela causa da fé e da paz; a preocupação dos pecados alheios o angustiava de tal maneira que a ele se poderia aplicar o dito do apóstolo: "Quem fraqueja, sem que eu também me sinta fraco!" (2Cor 11,29).

Manteve-se sempre virgem.

Vivia na pobreza e distribuía generosamente aos frades as túnicas que lhe ofereciam.

Desde a época em que era cônego não comia carne que era servida aos frades; porém não a devolvia, mas a escondia entre os pratos.

Durante as orações gemia e derramava copiosas lágrimas.

Tinha uma só túnica

Não dava trégua aos hereges e os refutava com as lágrimas e com o exemplo de sua vida.

Trabalhava incansavelmente para a difusão da paz e da fé, sem temor de expor-se por causa disso a muitos perigos.

Domingos conservou-se virgem

Quando viajava com outros frades através da floresta, ficava atrás e quando iam buscá-lo, encontravam-no muitas vezes ajoelhado, sem se preocupar com o perigo de lobos famintos que atacavam as pessoas.

Era fervoroso na oração e na pregação, era piedoso, tinha um baixo conceito de si mesmo, era casto, humilde e amante da pobreza.

Sua cama era quase sempre o chão da igreja.

Não dava trégua aos hereges.

Domingos conservou-se sempre virgem

Frei Domingos era cheio de zelo pelas almas, fervoroso na oração e na pregação, incansável no combate aos hereges, amante da pobreza, severo para consigo mesmo, misericordioso para com os outros, paciente, humilde, piedoso. Tinha um baixo conceito de si mesmo, era amante da disciplina, alheio às vaidades do mundo, pobre no vestir, amante da causa da fé e da paz.

Ele usava um cilício de tecido.

Permaneceu sempre virgem

Hóspede de mais de duzentas vezes em casa de Martin, nunca foi visto comer numa refeição mais de um quarto de peixe ou mais de duas gemas de ovo, nem beber mais de um copo de vinho misturado com três quartos de água. Nunca foi visto comer mais de um pedaço de pão.

Atormentado com muita freqüência por dores gravíssimas, os que estavam presentes o colocavam no leito, mas ele, no mesmo instante, se deitava no chão, porque não tinha costume de descansar na cama.

Ele permaneceu sempre virgem

Usou cilício feito com pelos de cabra e de carneiro

Domingos conservou-se virgem.

Usou um cilício feito de rabo de boi.

Nunca o ouviram pronunciar uma palavra ociosa.

Não usava a cama, de tal maneira que de manhã a encontravam tal como a tinham preparado à tarde. Comportava-se da mesma maneira quando estava doente. Muitas vezes o encontravam dormindo no chão, sem cobertores.

Hóspede em casa de Beceda, comia no máximo dois ovos, apesar de se servirem outras variedades de alimentos.

Tinha sede ardente pela salvação das almas, das quais era apóstolo incomparável. \*Dedicava-se com grande fervor à pregação e exortava e até obrigava os frades para que pregassem a palavra de Deus de dia e de noite, nas igrejas e nas casas, nos campos e nas estradas e em todas partes, e que não falassem senão de Deus.

Não dava trégua aos hereges, opondo-se a eles com todos os meios, pregando e disputando.

Seu amor pela pobreza era tão grande que recusou e renunciou aos bens imóveis, campos, feudos e rendas que a Ordem tinha recebido em diversos lugares.

Sóbrio na comida, fora de pão e vinho não tomava outro alimento, a não ser quando, para agradar aos frades e aos presentes, provava alguma coisa de especial. Queria porém que os demais, segundo as possibilidades da casa, tivessem em abundância.

Conservou-se virgem

Recusou o bispado de Conseran e não quis presidir aquela igreja, apesar de ter sido eleito pastor e prelado.

Nunca se viu alguém tão humilde em todas as coisas nem alguém que desprezasse as vaidades do mundo e o fausto perecível tanto quanto ele.

Suportava com paciência a alegria as maldições e ofensas e as palavras injuriosas como se se tratasse de um presente ou de grande recompensa. Nas perseguições nunca se perturbava, mas enfrentava muitas vezes o perigo com tranqüilidade e coragem, não se deixando desviar do seu propósito por causa do medo.

Quando o sono se tornava invencível, deitava ao longo da estrada e dormia.

Tinha um baixo conceito de si mesmo, e não atribuía a si nada de bom.

Consolava fraternalmente os frades doentes e suportava maravilhosamente todas as suas enfermidades.

Quando alguns eram atribulados, incitava-os à paciência e os consolava no quanto podia.

Amava muito a observância e corrigia fraternalmente os transgressores.

Era exemplo em tudo para os frades: nas palavras como nas ações, no comer e no vestir e em todo o seu comportamento.

Nunca se viu alguém como ele, tão assíduo na oração, e que derramasse tantas lágrimas.

Quando rezava, gemia tão forte que se ouvia em toda parte. Gemendo ele dizia: "Senhor tende piedade do teu povo. O que será dos pecadores?" e desse modo passava as noites acordado, chorando e gemendo pelos pecados dos outros.

Era hospitaleiro, dava de boa vontade aos pobres aquilo que tinha; amava e respeitava os religiosos e seus benfeitores.

Nunca foi visto na cama e não tinha outra cama a não ser a igreja, pelo menos quando

conseguia encontrar alguma. Quando não havia igreja, deitava-se normalmente sobre um banco ou sobre as cordas da cama, depois de tirar o colchão e a roupa que haviam colocado para ele dormir.

Sempre foi visto usando uma só túnica e normalmente remendada. Preferia usar capas mais grosseiras do que as usadas por outros frades.

Entregou-se com amor à causa da fé e da paz. E na medida do possível procurava ajudar e encorajar os fiéis.

Um lugar onde ele tinha rezado foi encontrado banhado de lágrimas.

Ele declarou que teria fugido de noite com seu cajado para não aceitar o episcopado ou qualquer outra dignidade.

### **Tradução de frei Dorival Teles de Menezes OP**

© Todos os direitos reservados — Citar fonte: Dominicanos no Brasil — <http://www.dominicanos.org.br>